

louise michel

claire auzias*

Louise Michel é a mulher que representa um dos símbolos mais fortes do anarquismo na França. Mas, terá algum significado fora desse país? Será possível afirmar que sua amplitude se estende ao mesmo nível de, por exemplo, os dois russos Bakunin e Kropotkin, que pertencem à comunidade internacional? Eis uma questão que apenas os companheiros de outros países podem responder. Desta forma, os ítalo-americanos Sacco e Vanzetti pertencem atualmente ao patrimônio internacional em função, do perfil exemplar que eles nos revelaram.

Mas pode uma mulher aceder a essa significação maior? Pode Louise Michel representar mais globalmen-

* Historiadora libertária. Entre suas obras estão: *Les Familles roms de l'Europe de l'Est* (Revue de l'IDES), *Emma Goldman, une tragédie de l'émancipation féministe* (Syros), *La Grève des ovalistes* (Payot), *Les Funambules – les Tsiganes entre la préhistoire et modernité de l'histoire* (La Digitale) e *Mémoires libertaires, Lyon, 1919-1939* (l'Harmattan). Também é poetisa, tendo publicado, entre outros, *La Bartambule* (K'A).

te um aspecto do anarquismo? Se isto for verdadeiro, digo desde já que ela divide enquanto mulher esse lugar com Victorine de Cleyre e Emma Goldman, e numerosas outras mulheres de outros continentes e de todos os países. Na França, Louise Michel obteve um reconhecimento da opinião pública tão amplo que se aproxima ao de Joana d'Arc. Isto se explica por meio das diversas similitudes entre as duas combatentes, e notadamente pelas roupas masculinas e as armas de guerra.

Mais de uma centena de colégios e diversas escolas carregam seu nome, e todos os bairros comunistas antigos lhe consagraram uma rua. Ela é tão célebre que após ter sido incorporada durante longo tempo pelo partido comunista francês, agora são os burgueses bem pensantes que a reivindicam sob a fórmula "Louise Michel não pertence a ninguém". É o lugar-comum pós-moderno que os convertidos de uma esquerda decrépita atribuíram a Louise Michel, pretendendo que seu esplendor honre a sua derrota histórica. Velhas feministas burguesas também aplaudiram a manobra: esses filisteus e essas filistéias, muitas vezes velhos stalinistas convertidos em belas almas mundialistas, dela se apropriaram, decidindo que Louise Michel não pertence à Anarquia. Expropriação histórica que está longe de ser a primeira vivida pelos anarquistas, para os quais uma falsificação histórica a mais ou a menos não fará grande diferença. Assim terminou tristemente a comemoração do centenário de sua morte, em 2005 na *Sorbonne*, como sempre na França, por uma desfiguração.

Louise Michel morreu em Marselha em janeiro de 1905, pretexto para a comemoração em 2005, de um efeito tão lamentável.

Primeiro, e antes de mais nada, porque ela é uma mulher. A esquerda arcaica dos dias atuais, após ficar

Louise Michel

cega em função de seu jacobinismo arrogante, agora corre atrás de uma nova legitimidade. Sem sombra de dúvidas, ela faz fogo com qualquer madeira... Louise Michel serve para feminilizar o olhar francês sobre a história social; ela serve de álibi.

Quando viva, foi uma personagem lendária em função de suas escolhas de vida; agora, essa mesma esquerda fantasmagórica recorre a ela como imagem apresentável aos nossos dias. Louise Michel não carrega sombras no seu retrato. O que a torna inumana, como a todas as grandes heroínas? É esta inumanidade que lhe talha o lugar arquetípico de figura internacional do anarquismo, mesmo não sendo a única.

Como Louise Michel construiu sua imagem? Através do que os historiadores denominam seu “romantismo”, ou seja, seu gosto pela desmedida, seu gosto pela erudição e pela aventura. Jules Michelet testemunha o que as mulheres, no imaginário feminino, representaram ao espírito da luta do século XIX. Louise Michel ganhou sua grandeza enquanto mulher por encarnar tão bem o século XIX. Seus companheiros e suas companheiras da época nela se reconheciam, e ela não desmereceu suas amizades. Pagou um preço alto pela sua vida de mulher: um celibato ostentado como arma de liberação, que relegou Louise Michel durante muito tempo às lembranças empoeiradas do passado. Nossa juventude turbulenta era pouco inclinada a entusiasmar-se por esse gênero de modelo. Aliás, ainda hoje apenas os anarquistas federados a celebram. Numerosos são os que preferem mesmo uma Rosa Luxemburgo — não-anarquista —, em função de sua afirmação sexual. Numerosos anarquistas atuais não se comovem de forma nenhuma por este ícone supostamente triste.

Quanto às feministas, elas em geral não ignoram um personagem tão imponente, mas seu anarquismo não as mobiliza. As vidas das mulheres históricas, ricas ou pobres, famosas ou anônimas, foram feitas de tantos combates cotidianos gigantescos, que não se pode reter mais uma que outra.

Direi resumidamente que Louise Michel nasceu em 1830, no campo, perto de Paris. A mãe era criada e o pai desconhecido. Viveu no castelo onde sua mãe trabalhava e os proprietários eram chamados por ela de “avô e avó”. Sendo voltairianos, Louise Michel recebeu quando menina uma marcante educação enciclopedista, cultivando a curiosidade como um bem.

Com a morte de seus avós, dos quais ela portava o sobrenome “Demahis”, pois seu genitor poderia ser o filho deles, Louise Michel e sua mãe foram expulsas do castelo. Ela assume o sobrenome de sua mãe — Michel — e inicia os estudos mais prestigiados para mulheres de sua condição: o de professora. Toda sua carreira de mulher e de feminista está posta! Louise Michel atribuiu a si a condição de “bastarda”, e o que a fez viver na infância como uma ferida social lhe serviu, na vida adulta, para identificá-la com aqueles que a sociedade rejeita.

À véspera da revolução de 1848, ela se torna republicana e se entusiasma por um símbolo vivo, Victor Hugo. O “romantismo” de Louise Michel está selado. Por toda sua vida ela admirou esse homem que lhe alimentou a atração pelas letras.

Por volta de 1853, após o golpe de Estado, Louise Michel emigra para Paris. Ali exerce a profissão de professora e frequenta os clubes blanquistas, nos quais se forma politicamente. Encontra os republicanos de Paris, entre os quais Georges Clemenceau, que terminou

Louise Michel

seus dias como ministro, o homem que amou, Theo Ferré, e sua amiga íntima Marie Ferré, irmã deste.

Ano de 1871, Comuna de Paris. Louise Michel foi uma bela *communarde* e escreveu sobre esse assunto um livro maravilhoso, que recomendo aos leitores.¹

Junho de 1871: Louise Michel é presa, Theo Ferré está no campo de Satory, próximo a Versalhes, onde será fuzilado. Os dois trocam uma correspondência político-amorosa plena de moderação austera que, ao lado do *Que fazer?* de Tchernitchewski, poderia figurar como modelo de educação sentimental do revolucionário perfeito.

Theo Ferré foi fuzilado em novembro de 1871 com dois outros *communards*. Louise Michel fica abalada no interior da *Prison des Chantiers* de Versalhes. “Quero estar debaixo da terra”, escreve. Silêncio negro.

Dezembro de 1871: ela é julgada pelo tribunal militar do Estado como *communarde*. Reivindica seus atos e a morte como sentença. Paris, banhada de sangue dos revoltados, tremia havia seis meses sob uma repressão feroz. Ninguém ousava levantar a voz. Louise Michel tornou-se nesse momento o símbolo dos sobreviventes da Comuna, seu porta-voz e seu estandarte.

Foi condenada à deportação para a Nova Caledônia, onde permaneceu cerca de dez anos. Em 1880 é pronunciada a anistia para todos os condenados e Louise Michel regressa a Paris, onde é recebida triunfalmente.

Nesse meio-tempo ela conhece os Kanak, índios colonizados pela França.² Ela confraternizou com eles, aprendeu sua língua, recolheu seus contos e lendas e lhes ensinou a escrita. Dividiu ao meio sua echarpe vermelha da Comuna e ofereceu-lhes uma das partes. Louise Michel, espírito livre de um tempo obscuro, abriu

caminho para o que posteriormente se transformou no anticolonialismo. Ela foi sua precursora. Os Kanak curaram o luto melancólico de Louise Michel, devolvendo-lhe o sentido de viver para a luta; devolveram-lhe o gosto pela luta. Continuaram representando, por toda sua vida, a essência dos povos excluídos pelo pensamento único revolucionário. Eles lhe ensinaram os rudimentos etnológicos de uma outra civilização e ampliaram o pensamento de Louise Michel com uma das suas principais características, a generosidade.

Anos de 1883, novamente a prisão. Louise Michel, com seu camarada Emile Puget, é novamente incriminada. Sua mãe morre. Quando sai da prisão, três anos mais tarde, Louise Michel é uma mulher solitária. Muito solitária. A propaganda anarquista torna-se sua atividade principal e sua celebridade não cessa de aumentar. Escreve poemas e romances. Milita, solidariza-se com todas as causas, pronuncia conferências em favor da anarquia futura e é fiadora na criação do jornal semanal *Le Libertaire*, com Sébastien Faure.

Importunada pela polícia, refugia-se em Londres na companhia de uma família de operários anarquistas, tipógrafos, que dela cuida. Louise Michel, então, elege como sua sucessora a jovem Charlotte, que a acompanhou em todos seus deslocamentos. Em Londres, Louise Michel decide-se pela atividade de agitadora em tempo integral. Associa-se aos refugiados de diversos lugares e, entre outros, conhece Kropotkin.

Viaja para a Argélia pela causa libertária e no retorno de uma dessas conferências do outro lado do Mediterrâneo, morre em Marselha, como Rimbaud.

Seu corpo é repatriado a Paris, onde exéquias grandiosas lhe são oferecidas durante todo um dia semeado de motins.

Louise Michel

Este apanhado bastante incompleto incita a buscar as companheiras de Louise Michel na história dos séculos XIX e XX, pois não haveria mulheres furiosas semelhantes sob todos os trópicos?

Tradução do francês por Dorothea Voegeli Passetti.

Notas:

¹ Louise Michel publicou cerca de vinte livros (manifestos, romances, poesia, memórias) durante sua vida, e ainda mais diversos póstumos, alguns recentemente reeditados. A referência é *La Commune*, publicado em Paris, em 1898. Há uma nova edição, *La Commune: Histoire et Souvenirs*, Poche, 2005. No Brasil pode ser encontrado *Cartas a Victor Hugo*, Ed. Horizonte, 2005 (NT).

² Os Kanak (ou Canaque) são o povo autóctone da Nova Caledônia, arquipélago na Melanésia, ao leste da Austrália. O nome kanak passou a ser designação dos nativos da Melanésia em geral, com conotações preconceituosas e pejorativas, até que nos anos 1960 voltou a ser usado pelos melanésios da Nova Caledônia como forma de luta pela autonomia política e cultural. A Nova Caledônia é até hoje território francês, territoire-d'outre-mer, categoria que em 2003 e 2004 sofreu reformas constitucionais e jurídicas a partir das quais alcança maior autonomia em relação ao Estado francês e prevê, para a Nova Caledônia em particular, um referendo em 2014, que decidirá sobre a sua independência. A Nova Caledônia foi colônia penal no período em que Louise Michel foi levada para lá. Ela publicou, em 1885, em Paris, pela editora Kéva, o livro *Légendes et chants de gestes canaques* — lendas e mitos canaques — (NT).

RESUMO

Louise Michel, anarquista francesa, destaca-se por ter sido uma mulher furiosa. Feminista, admiradora de Victor Hugo, comunarde e ativista incansável, jamais hesitou em divulgar suas idéias em comícios e nos seus escritos. Viveu perseguida, foi diversas vezes presa e chegou a ser deportada. Sua popularidade não autoriza certos grupos a exaltá-la, hoje em dia, como heroína. Louise Michel é uma anarquista.

palavras-chave: Louise Michel, Comuna de Paris, feminismo.

ABSTRACT

Louise Michel, French anarchist, is notorious for being a furious woman. Feminist and Victor Hugo's admirer, communarde and relentless activist, has never hesitated in disseminating her ideas in public demonstrations and in her writings. She has been persecuted, many times arrested and even deported. Her popularity does not entitle certain groups to praise her, nowadays, as heroin. Louise Michel is an anarchist.

Keywords: Louise Michel, Paris Commune, feminism.

Recebido para publicação em 24/07/2006. Confirmado em 31/07/2006.